
NO MAN'S LAND . NO MAN'S TIME

CONTRIBUTO EPISTEMOLÓGICO PARA O CONCEITO DE PAISAGEM

Rui Sá Correia

Fevereiro de 2011

Universidade de Évora – Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento

Orientador: Prof.^a Doutora Aurora Carapinha

RESUMO

Discorrer sobre o conceito de paisagem é a prerrogativa deste trabalho. Abordam-se outros conceitos que, com o de paisagem, tantas vezes, se confundem, tais como o de território, ambiente ou natureza.

A paisagem é uma dimensão espacial, mas é também uma dimensão temporal. Ora pelo facto de se mutar, ciclicamente, numa eterna busca por um equilíbrio dinâmico, ora por ser mutante ao longo de uma temporalidade linear em que o Homem imprime as suas necessidades e as suas vontades a um espaço.

Procura-se fazer uma explanação sobre a relação que o Homem poderá ter estabelecido com a paisagem desde os seus primórdios para que se possa, depois, reflectir sobre a paisagem que o Homem tem criado ao longo do século XXI.

Palavras-chave: natureza, ambiente, território, paisagem, nomadismo, sedentarismo, pós-nomadismo.

NO MAN'S LAND . NO MAN'S TIME

EPISTEMOLOGICAL CONTRIBUTION TO THE CONCEPT OF LANDSCAPE

ABSTRACT

The aim of this work is to discuss the concept of landscape. Other concepts, which like landscape, are many times confused, such as territory, environment and nature, are also addressed.

Landscape is a spatial dimension, but it is also a temporal one. Cyclically, it changes in an eternal search for a dynamic equilibrium, but it also evolves over a linear temporality, during which Man imprints his own needs and wished on a space.

This work seeks to offer an explanation of the relationship Man may have established with the landscape during primordial times, so that, then, the landscape Man has created during the 21st Century may be reflected upon.

Key Words: nature, environment, territory, landscape, nomadism, sedentary lifestyle, post-nomadism.

ÍNDICE

ÍNDICE	1
INTRODUÇÃO.....	2
DA HERMENÊUTICA: PAISAGEM, TERRITÓRIO, NATUREZA E AMBIENTE	4
DO NOMADISMO	13
DO SEDENTARISMO	21
DO APOGEU DO SEDENTARISMO.....	28
DO PÓS-NOMADISMO	35
CONCLUSÃO	45
BIBLIOGRAFIA	49

INTRODUÇÃO

O conceito de paisagem é muitas vezes confundido com os de ambiente, território e natureza. Procura-se, neste trabalho, destrinçar o conceito de paisagem, não se podendo olvidar que este é aqui abordado de acordo com os pressupostos da prática que é a Arquitectura Paisagista, que não exclui a presença humana deste espaço comum que é a paisagem e que percebe coexistirem nela outros factores, outros mecanismos, para além do humano.

Após perceber-se a acepção do conceito “paisagem”, inicia-se uma abordagem histórica do mesmo, percorrendo e analisando momentos que marcaram a permanência da humanidade na paisagem. Importa, ao longo deste estudo, a análise deste conceito num sentido perceptivo mas também utilitário, de produção, que desde sempre acompanha a existência humana. Paisagem e Homem são duas entidades que têm coexistido desde sempre, muitas vezes através de relações parasitárias, outras tantas simbióticas. O Homem transforma a paisagem de acordo com as suas necessidades, mas a paisagem molda também a percepção que o Homem tem da sua própria existência, numa relação que se pode afirmar biunívoca.

Paisagem é uma dimensão temporal registada numa dimensão espacial, mas é também resultado da percepção conduzida somente pela presença humana.

Ao longo deste estudo, procurou-se fantasiar sobre as possíveis relações que o Homem entabulou com a paisagem, desde os seus tempos de nómada até à contemporaneidade. É fundamental discutir-se o presente, para que possamos, de acordo com os ensinamentos obtidos no passado, planear o futuro de uma forma que nos permita manter acesa a condição que nos diferencia: a condição humana.

DA HERMENÊUTICA: PAISAGEM, TERRITÓRIO, NATUREZA E AMBIENTE

Natureza, território, ambiente ou paisagem, eis a questão. Envolto em significâncias similares, estes quatro conceitos espelham realidades que se complementam mas que procuram soluções diferentes.

Para a Arquitectura Paisagista, é fundamental que se conceptualize cada um destes vocábulos, pois a terminologia não deixa de ser um elemento fundamental quando se criam, transformam ou recuperam paisagens.

Não é por acaso que a Arquitectura Paisagista emprega o conceito “paisagem” e não outro. Poderíamos referir-nos à arquitectura territorial ou à arquitectura ambiental, ou mesmo à arquitectura do natural ou da natureza. No entanto, a opção recai sobre o emprego do conceito de paisagem: paisagista porque da paisagem!

Se algum tempo, acuidade e sentido analítico forem empregues na apreciação de cada um destes conceitos, depressa percebemos que qualquer um deles se enquadra numa situação bastante específica, ora por alguma espécie de afectação a uma especialidade profissional, ora por incluir determinados aspectos em detrimento de outros de somenos importância. Trata-se, na realidade, de conceitos díspares que facilmente podem ser confundidos quando empregados arbitrariamente.

O conceito “ambiente” é empregue, com alguma frequência, por ambientalistas. A maioria das vezes que esta especialidade profissional se refere ao conceito “ambiente” envolve-o em funções de preservação e conservação de habitats, assumindo de antemão que a intervenção humana deve ser travada, independentemente das repercussões que daí possam advir, não salvaguardando, portanto, as necessidades básicas para a existência humana - económica, social, cultural, etc. O conceito “ambiente” nesta acepção refere-se tão-só às relações estabelecidas em determinado habitat e apresenta uma conotação essencialmente *preservacionista*. É, pois, um conceito sectorial, uma vez que não inclui todas as actividades que devem ser consideradas, quando se aborda uma entidade que é uma unidade.

A natureza, em contrapartida, é uma harmonia de relações simbióticas. É uma representação idílica de uma impossibilidade, de um ideal inexistente, um mundo natural sem intervenção humana, onde todos os seres terão sido concebidos para um desconhecido propósito. A natureza rege-se somente pelos seres que a habitam e pelos ciclos, automatismos criados por uma divindade externa que controla todo um enredo através da introdução de diferentes variáveis que contribuem para a mesma equação. É uma representação exterior à realidade humana e que deve ser mantida imaculada, pois se trata de uma representação religiosa. A natureza poderia ser o mundo ideal considerado por ambientalistas, uma realidade em que o factor humano é, simplesmente, desconsiderado ou ignorado.

O conceito “natureza” é empregue ainda hoje, apesar de a sua representatividade ter sido abalada desde que a humanidade aceitou o dogma de que Deus terá criado a Terra com o propósito de esta ser explorada pelo Homem que deveria saber transformá-la à mercê das suas necessidades. O conceito “natureza” tornava-se obsoleto assim que a visão humana do planeta deixava de ser teocêntrica, para passar a ser antropocêntrica, quando o Homem podia comandar os desígnios de um mundo que fora concebido para seu usufruto.⁽¹⁾ O facto de a humanidade se reconhecer ainda numa religiosidade permite-lhe empregar o conceito “natureza” aludindo a um mundo natural, aquele que recorda como sendo perfeito. Mais tarde, aquando da necessidade humana de representar uma paisagem perfeita, o jardim, o conceito “natureza” reveste-se novamente de extrema importância, pois era crível que se havia encontrado a fórmula cenográfica de representação da natureza.

Sendo a natureza um conceito envolto em religiosidade, não podia deixar de ser dicotómico: é alimentado por divindades benévolas que oferecem abundância, generosidade, fertilidade, mas é também nutrido por divindades devastadoras e avassaladoras que se regozijam com a desgraça. A componente dominante desta dicotomia é ainda hoje empregue por grupos ambientalistas e conservacionistas

⁽¹⁾ Relativamente à abordagem ao conceito de “natureza” de acordo com uma visão antropocêntrica *vide* CARDOSO (2005).

que procuram a aceitação unânime de que determinados propósitos conduzem, inevitavelmente, a determinados fins. Assim, somos muitas vezes (des)informados, por órgãos de comunicação social e outros organismos que procuram imprimir uma consciência colectiva através do medo, de que a mãe-natureza nos punirá, num futuro próximo, por todos os actos irresponsáveis conduzidos pela ganância humana. Esquecemo-nos tantas outras vezes de que muitos destes actos são conduzidos por grupos com interesses economicistas que, para além de cultivar o medo tantas vezes infundado, buscam somente a fácil obtenção de lucros.

A aceitação antropocêntrica de que a Terra havia sido criada com o propósito de ser transformada em prol das necessidades humanas vem introduzir um outro conceito: "território".

Se outrora o planeta era pertença de um deus que criava os personagens e construía o cenário para um determinado enredo, assim que o Homem passa a ser o responsável por esse ofício cria uma estrutura que dita que cenário é pertença de que personagem, marcando desta forma o espaço. O conceito "território" vem, portanto, permitir que se crie um instrumento que legalize o planeta, ao parcelá-lo e ao atribuir um proprietário a cada parcela de terra. É o início de uma engrenagem de ordenamento de um território que depressa se poderia tornar irreconhecível. O mundo que outrora era a natureza, onde a intervenção humana não era um atributo, após ter sido entregue à humanidade, retalhou-se para que pudesse cumprir certos e determinados usos, certas e determinadas funções e

para que pudesse ser pertença de alguém e não uma terra de ninguém. O conceito “território” está, assim, envolto em características essencialmente administrativas.

Por fim, o conceito “paisagem”.

Paisagem é tangibilidade e intangibilidade⁽²⁾. É dimensão espacial e temporal.

Paisagem é tangibilidade. É uma entidade corpórea passível de ser sensorialmente percebida. Numa manhã de um húmido orvalho, tactear a paisagem seguindo os trilhos marcados pelo pisoteio das ervas altas, vislumbrar visões de sedução e o aroma das flores primaveris que em breve serão frutos deliciosos, enquanto, atentamente, se escutam os cânticos de belas aves canoras, poderia ser uma de entre várias descrições da tangibilidade de uma paisagem.

No entanto, a paisagem é também intangibilidade no sentido em que apresenta características que não são palpáveis: a dimensão temporal ou a emotividade que a paisagem imprime no seu observador. A paisagem é uma entidade mutável, cede a uma temporalidade. É o tempo cíclico da passagem das estações que se repetem indefinidamente, mas também o tempo linear de alterações repentinas de que possa ser objecto. As catástrofes naturais são desta linearidade um exemplo. Imprimem uma alteração repentina na paisagem, quebrando a

⁽²⁾ Os conceitos de “tangibilidade” e “intangibilidade” são abordados e explorados em MÜLLER (2008).

temporalidade cíclica que a caracterizava, para que se possa iniciar um novo processo de mutação, uma nova busca por um equilíbrio dinâmico que se repercutirá, depois, numa nova temporalidade cíclica.

Tanto a tangibilidade como a intangibilidade da paisagem justapõem-se, coabitam simbioticamente, imprimindo cada uma os seus próprios desígnios na outra. A dimensão temporal faz-se notar através da marca indelével que imprime na dimensão espacial que, por sua vez, na presença de um observador, lhe imprime uma determinada intangibilidade, uma emotividade.

O facto de estas duas características se justaporem não permite que possamos estar na presença da mesma paisagem, pois ela muda-se, assim como a percepção do seu observador, no instante imediatamente seguinte. Podemos, portanto, concluir que a paisagem é a impressão no espaço de um instante que é único.

Sendo a paisagem o suporte físico que permite a vida neste planeta, é natural que os seres a transformem, quer por necessidade, quer por mero acaso de um destino.

O que naturalmente distingue o Homem dos restantes seres é a sua capacidade de construir juízos de valor, de saber reconhecer o bem e o mal, de ser pensante, racional mas também emotivo. Estas características obrigam a que o Homem assuma um papel de uma responsabilidade acrescida para com este bem que lhe foi emprestado, quer pelas gerações vindouras, quer pelos restantes seres. Assim sendo, é de esperar que a intervenção humana na paisagem assuma uma

importância inigualável, de responsabilidade para com um património que não é só seu, nem só de um instante. É um património que deverá ser usado por gerações futuras, humanas ou não. Sabendo o Homem que é deste património que depende a sua existência, é genuíno que nele escreva as suas necessidades, através dos usos que lhe imprime. Não devemos, portanto, pautar-nos por crenças fundamentalistas que tantas vezes proíbem ou inibem determinados usos. Há, sim, que conhecer as repercussões que possam daí advir e tentar minimizar estragos irreversíveis decorrentes de utilizações incorrectas. Há, portanto, que saber interpretar as exigências e as condicionantes da paisagem, há que perceber e saber interpretar os seus mecanismos, para o que é fundamental que se considerem conhecimentos passados que terão a sua génese em experiências empíricas, conduzidas ao longo de gerações.

Caldeira Cabral afirma que a “Arquitectura Paisagista é a arte de ordenar o espaço exterior em relação ao Homem”⁽³⁾. Subentende-se, portanto, que considerar a presença humana na paisagem é fundamental na sua criação, assim como na sua transformação. Importa assim saber reconhecer os mecanismos que criam a paisagem, a engrenagem que a rege como o todo que ela é. Uma correcta e global interpretação da paisagem deverá pressupor que se criem e transformem paisagens para que estas possam oferecer ao Homem todos os bens que lhe são

⁽³⁾ in CABRAL, Francisco Caldeira. Fundamentos da Arquitectura Paisagista, Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa, 1993, pág. 25

necessários, considerando as componentes económica, social, cultural, estética e biofísica do Homem e da paisagem.

A condição humana cria-se pautada numa escala temporal que se pode afirmar como sendo linear, resultado da justaposição de instantes que se sucedem e que parece nunca se repetir.

Esta linearidade temporal que nos caracteriza impede-nos, muitas vezes, de perceber um mecanismo maior que nos alberga, a paisagem que se recria indefinidamente, numa constante senda por um novo equilíbrio que comprometa um menor emprego de recursos energéticos. É este linear fluxo que tantas vezes nos tolda a cognição, de forma a frequentemente não conseguirmos perceber os mecanismos que regem da paisagem.

Permitamos que a natureza siga o seu curso. Ela sabe o que faz melhor do que nós.

Michel de Montaigne

Do NOMADISMO

No início, era o Homem. Um animal como os restantes, identidade sensorialmente perceptiva que procurava nada mais que as condições ideais para a sobrevivência.

A paisagem oferecia-se como um cenário de suporte a um enredo que se ia criando de acordo com desígnios casuísticos de uma entidade que servia de explicação a tudo aquilo cujo entendimento não estivesse ainda ao alcance do conhecimento humano. Consolos ou infortúnios ditavam as regras de um enredo que se desconhecia mas que, imperiosamente, deveria ser aceite sem resignação de outra espécie que não a emotiva.

A paisagem, ofertório de bens essenciais à sobrevivência, podia também ser cruel e vingativa. Oferecia não somente deleites sensoriais à visão, com a oferta de belos pontos de fuga, as cores ou as texturas das plantas que cresciam de quando em onde, mas também à audição, através do pulsar das folhas sempre que uma brisa soprava; ao tacto, pelas amenidades que ia oferecendo quando na presença de uma linha de água ou de uma extensa plenitude de um espelho de água; ao olfacto, pelas imensas fragrâncias que inundavam a ténue brisa; ao paladar, nas oferendas de frutos e animais com que presenteava a existência humana. No entanto, se a paisagem podia ser mãe, em muitas das suas expressões, podia também ser madrasta em tantas outras, em expressões que podiam ser percebidas como reprimendas por actos inglórios. Os terremotos, as secas, as

inundações, os vulcões, os incêndios podiam ser entendidos como admoestações quando, na realidade, se iniciavam processos que conduziriam a um novo equilíbrio, uma mutação espaço-temporal que se repercutiria no desenho de uma nova estrutura, de uma nova paisagem.

O Homem-animal⁽⁴⁾ equiparava-se aos restantes seres que com ele partilhavam, simbiótica ou parasitariamente, o cenário da vida, a paisagem, cuja estrutura se apresentava exactamente a mesma para qualquer um desses seres. Cabia ao Homem descodificar as várias engrenagens do mecanismo “paisagem”, para que mais tarde pudesse prosseguir na condução de grandes feitos.

Um dos grandes desígnios, talvez o primeiro da humanidade, terá sido a descoberta do elemento fogo que veio permitir ao Homem cozinhar os seus próprios alimentos, com a conseqüente redução de riscos de infecção por ingestão de alimentos deteriorados e amaciamento dos alimentos, climatizar as cavernas que habitava e manter-se seguro das investidas de animais selvagens. Paralelamente a estes factos, inicia-se um processo de transformação do Homem enquanto animal. Começa um adensar das relações sociais, de emotividades,

⁽⁴⁾ Far-se-á, em capítulos posteriores, referência ao Homem-máquina. Pretende-se com estes conceitos estabelecer uma relação entre o Homem enquanto ser perceptivo e emotivo e o Homem que se socorre da máquina para a concretização de determinadas tarefas. É, portanto, o estabelecer de uma relação de aquisição de conhecimentos, de desenvolvimento, ao longo de uma existência espaço-temporal.

sempre que, próximo do conforto do quente fogo e certo da segurança que este lhe oferecia, aguardava pela cozedura dos alimentos.

Esta descoberta terá permitido o estabelecimento de relações emotivas também com a paisagem. Iniciava-se um processo de domínio sobre o espaço inóspito que era a paisagem, e mais tarde aquelas viriam a reproduzir-se através de manifestações artísticas como a pintura, onde se representavam cenas de caça ou simplesmente o desenho de uma determinada planta. Nascia o embrião de uma percepção estética, de emotivas memórias que se iam adensando no decurso da existência do Homem e que iriam, mais tarde, permitir-lhe a cisão com a dependência do espaço que o albergava. Até então o Homem dependia da paisagem, subjugando-se aos seus desígnios, experimentava uma relação parasitária que pretendia ver diluída.

Estas relações parasitárias poderiam, muitas vezes, ser minoradas através do entendimento de ciclos regulares que a paisagem oferecia em determinados períodos. A ciclicidade temporal da paisagem permitia ao Homem compreender os momentos em que não deveria estar presente em determinado lugar. Assim, obrigava-se a um constante nomadismo, em busca de condições que pudessem oferecer melhorias à sua sobrevivência. O início de determinado percurso poderia ocorrer sempre que a paisagem manifestasse um indício de uma inóspita alteração, a ocorrer num curto período de tempo. A gradual mudança das cores da folhagem, até que caíssem as folhas, oferecia um período de tempo

considerável para que o Homem preparasse a sua nova incursão para terras que pudessem oferecer melhores condições.

O facto de circunstâncias alheias o obrigarem a percorrer longas distâncias, até que encontrasse melhores condições, obrigava-o a apreciar espaços recônditos da paisagem, assim como a conhecer uma estrutura da paisagem que parecia repetir-se em qualquer lugar onde se instalasse. Empiricamente, terá percebido que a água drenava das cotas mais altas para as mais baixas onde se retinha, mas percebia também que, posicionando-se a cotas mais altas, podia obter uma posição favorável a um estratega defensivo. Sabia também que, em determinados afloramentos rochosos, seria mais provável encontrar refúgio, assim como o conforto necessário para o pequeno aglomerado social. O conhecimento dos víveres comestíveis poderia advir de um saber adquirido após alguns dissabores. No entanto, tal como tantos outros animais, o Homem poderia ser estimulado sensorialmente ao ponto de perceber sublimes características que indicavam se aquele fruto poderia ou não ser ingerido.

A sua energia biológica era, portanto, a sua mais-valia, era o seu único recurso disponível, que lhe permitia sobreviver às intempéries e às agruras da existência. Permitia-lhe igualmente perseguir as presas que alimentariam a sua família, mas permitia-lhe também iniciar um processo mental de registo de dados que lhe seriam certamente essenciais, num futuro não longínquo. Assim foi, ao longo dos tempos, registando um sem-número de factos que transmitia de geração em geração, até que se impregnassem nos genes dos seus sucessores.

As aptidões físicas do Homem foram-se desenvolvendo de forma a alcançar um resultado que fosse satisfatório e adequado às exigências que lhe são exteriores. O Homem criou-se bípede, como muitos outros animais, mas desta feita preparado para a corrida, ora para fugir às ameaças, ora para perseguir o alimento. Bípede, também para que, na clareira que habitava, pudesse alcançar visualmente as potenciais ameaças.

Estabeleceu igualmente ligações cerebrais que lhe iriam permitir um constante acumular de informação útil à existência, criando assim um acervo de registos de memórias das situações por que ia passando, no decurso das suas incursões. A paisagem tornou-se também memória, uma memória pertença de quem a contemplava com o simples propósito de perceber os mecanismos que lhe poderiam facilitar a existência. A paisagem podia ser memória de acontecimentos, mas também de afectividades, por simples associação de registos.⁽⁵⁾

O Homem criou-se, portanto, como um animal de corrida, detentor de um intelecto inigualável.

A relação que o Homem estabelecia então com a paisagem era de usufruto. Dela obtinha os bens necessários à sua sobrevivência, mas estabelecia também relações de transformação do espaço.

⁽⁵⁾ A relação entre espaço e memória pode ser confirmada em MÜLLER (2008).

A primeira impressão humana na paisagem poderá ter sido o desenho de um trajecto que fora percorrido aquando de uma transumância.⁽⁶⁾ Eram intervenções efémeras e inconscientes, uma vez que depressa sucumbiriam com a passagem do tempo. O equilíbrio dinâmico da paisagem ditava assim que as impressões nela deixadas deveriam conduzir a um novo estado de harmonia. Se a entidade paisagem não se mutasse constantemente, para encontrar um novo equilíbrio, teríamos hoje ainda vários registos de percursos feitos pelos nossos antepassados. A paisagem autoregenerava-se, como o faz hoje ainda, numa constante mutação por uma eterna busca de um novo equilíbrio.

Avolumavam-se assim os registos de memórias que permitiam saber que direcções seguir, aquando do início de uma nova migração. No entanto, a dinâmica da paisagem transfigurava-a muitas vezes ao ponto de esta se tornar irreconhecível. Esboçava-se uma necessidade de assinalar, perenemente, a paisagem.

O rudimento da cartografia da paisagem ter-se-á iniciado com a implantação do primeiro menir. Este elemento permitia assim assinalar determinado lugar de forma etérea, desenhando, por exemplo, rotas que deveriam ser percorridas em determinado momento e que podiam também revestir-se de simbolismos, como a

⁽⁶⁾ CARERI (2002) refere-se a uma relação próxima entre Homem e paisagem que se estabelecia aquando das transumâncias e que gravavam uma necessidade humana no território através dos trilhos de erva calcada.

sinalização de um espaço fértil ou inóspito ou ainda, por uma qualquer razão, podiam ser símbolo de um acontecimento marcante. Assim, podia o Homem referenciar-se num espaço cartesiano de uma forma que perdurasse pela dimensão temporal.

Desde cedo que o Homem intervém na paisagem, alterando-a em prol das suas necessidades e é um elemento que faz parte integrante dela, assim como os restantes seres e não somente a vegetação ou a topomorfologia de uma cadeia de montanhas ou a extensão de um mar a perder de vista que tão bem poderiam ficar numa representação bidimensional. Mas tal acabaria por deixar de lado toda a ambiência característica de uma paisagem, na sua constante parafernália de excitação sensorial. E a paisagem soube, como sabe ainda, adaptar-se às novas impressões digitais que lhe são calcadas, muta-se em busca de um equilíbrio que nunca é alcançado, vive num equilíbrio em constante dinâmica.

Gostava de estar no campo para poder gostar de estar na cidade.

Fernando Pessoa

DO SEDENTARISMO

O aprofundar dos conhecimentos resultantes das incursões que ia fazendo permitiram ao Homem desenvolver ferramentas que lhe facilitariam a existência. Terá começado com o recurso a pequenos objectos que encontrava perdidos por entre a vegetação, pedras que ostentavam formas e durezas que o auxiliavam nas tarefas do quotidiano, restos de vegetação que lhe permitiam a fácil conclusão de tarefas que, sem o recurso a ferramentas, seriam de árdua conclusão. Depressa percebeu que podia moldar o material que encontrava, ajustando-o às suas necessidades, e iniciou assim a criação de uma colecção de utensílios que lhe facilitavam a existência quotidiana, das ferramentas de corte a outras de caça ou simplesmente a objectos de adorno.

Os rudimentares conhecimentos botânicos, adquiridos pela atenta observação do comportamento do material vegetal e dos ciclos característicos da paisagem, permitiram ao Homem o início da prática da agricultura.

É o cultivo da terra que permite ao Homem sedentarizar-se. Apropria-se do espaço, que passa a assumir como o seu espaço de conforto, onde habita e cultiva os víveres necessários à sobrevivência. Acreditava controlar o caos natural ao domesticar as plantas, assim como os animais e, com este controlo, iniciou um processo que acompanha a humanidade desde então: o processo de apropriação do espaço e, conseqüentemente, de identificação com o espaço.

Se, nos primórdios da sedentarização, o Homem despendia ainda muita da sua energia biológica para conseguir obter os víveres necessários à sua subsistência, através de tarefas mecânicas recorrendo ainda a ferramentas rudimentares, permitia-se também o usufruto do seu tempo livre, resultado de não necessitar de migrar, com tarefas que lhe ocupariam mais a energia do intelecto do que a energia do físico.

O aumento da disponibilidade temporal ter-lhe-á permitido desenvolver relações sociais, criar novas e mais elaboradas ferramentas que o auxiliariam ainda mais nas tarefas quotidianas e desenvolver novas estruturas organizacionais.

O espaço onde se sedentariza não podia ser resultado de uma decisão aleatória. A proximidade a determinados recursos era fundamental, como a água, a caça ou o solo fértil. Escolhia, portanto, o lugar de sedentarização de acordo com as suas necessidades e, para tal, havia que tomar conhecimento das engrenagens rudimentares do espaço que era a paisagem. Optava por posições adequadas a um estratégia defensivo, que lhe permitissem obter o controlo absoluto, ou pelo menos parcial, da paisagem que o envolvia e onde as condições climatéricas não fossem severas em demasia, pois conhecia já as repercussões que essa escolha poderia acarretar.

As rudimentares relações sociais permitiam pouco mais do que uma economia de subsistência. Cada família produzia os bens de que necessitava e, ocasionalmente, trocava esses bens por outros, produzidos por famílias vizinhas. Algo ainda

distante de uma estrutura social sustentada por princípios, ainda que basilares, de uma economia. Este é, portanto, um período de que a humanidade dispõe para aperfeiçoar as suas técnicas, nomeadamente as técnicas de produção agrícola que, mais tarde, irão permitir o desenvolvimento da estrutura social.

Com o melhoramento das práticas, assim como das técnicas produtivas, os bens e produtos tornam-se excedentários e, conseqüentemente, mais disponíveis para um incipiente mercado que se vai criando. As relações de troca comercial adensam-se.

A especialização na produção tornava-se uma necessidade para que a estrutura social pudesse crescer e, por conseguinte, a produção se elevasse para um outro patamar. Se outrora o Homem se dedicava quase que exclusivamente à agricultura, depressa terá percebido que se poderia especializar noutras áreas como a pecuária, o vestuário, a cerâmica, a metalurgia, entre tantas outras. Esta especialização terá permitido ao Homem iniciar uma estrutura económica que se sustentava pelo princípio da troca directa. Quem produzisse vestuário poderia, facilmente, satisfazer as suas necessidades alimentares ao trocar o seu produto por outros, como gado ou hortícolas.

A estrutura do aglomerado urbano densifica-se, pois há que criar espaços adequados a cada uma das exigências produtivas, que assim floresciam como espaços públicos, onde se pudesse pôr em prática a razão da existência da urbe: o diálogo, as relações interpessoais.

O aglomerado urbano seria o espaço do conforto e dos relacionamentos interpessoais, espaço onde se discutiam ideias, se trocavam opiniões, onde a humanidade se permitia práticas do pensamento, desenvolvendo, desta forma, novas aptidões, novos instrumentos de trabalho e melhorando, conseqüentemente, a sua condição humana.

A urbe construía-se espontaneamente à medida das necessidades, mas pautando-se pelos conhecimentos adquiridos ao longo da existência humana. Na construção da urbe, a necessidade imperiosa era o conforto e a segurança e assim se criavam as habitações. O Homem tem procurado desde sempre estabelecer e cimentar relações interpessoais e, se a habitação era o espaço do conforto e da segurança da família, havia que definir tipologias espaciais cuja função seria o relacionamento. Os vazios da urbe surgiam para satisfazer este propósito, tal como surgiam os largos, organicamente encaixados entre espaços habitacionais. As praças, por sua vez, pareciam obedecer a um propósito específico, um espaço de trocas comerciais, de socialização, de confluência e, muitas vezes, de oferta de bens alimentares e da água, nas fontes que ostentavam.

Fora do espaço da urbe, singrava o caos do mundo natural, a paisagem desordenada, lugar do perigo e do desconhecido mas que não se apartava da realidade urbana. Do mundo natural obtinha, o Homem, muitos dos seus víveres, a madeira para as construções e a caça que lhe permitia manter uma relação próxima com a paisagem.

Paisagem natural e urbanidade coabitavam, simbioticamente muitas vezes e parasitariamente outras tantas, mas a relação de proximidade entre ambas as realidades mantinha-se acesa e necessária para a sustentabilidade do aglomerado urbano. Estabelecia-se uma relação de respeito para com a paisagem natural que, próxima, colmatava muitas faltas na produção praticada na urbe.

Assim iniciou a humanidade uma existência sedentária, resultado de uma revolução agrícola, provavelmente a primeira grande revolução encetada pelo conhecimento humano. Neste modo de vida, tudo deveria ser simplificado e todos os bens de que o Homem necessitava passaram a estar ao seu alcance imediato, pois eram produzidos *in loco*. Cada família se encarregaria de produzir determinados bens, enquanto as restantes assegurariam a produção de outros, melhorando estratégias produtivas o que permitia um aumento considerável da produção e, conseqüentemente, reduzia-se a possibilidade de escassez de alimento e suprimiam-se também algumas das efemérides. Trocava-se gado por produtos hortícolas ou vestuário por mobiliário. Depressa se perceberam as relações que se podiam estabelecer de forma a aumentar a produtividade: o estrume do gado podia ser utilizado para adubar a parcela de terra que adormeceria as sementes das hortícolas, criavam-se relações de troca que viriam a perdurar ao longo dos tempos. Este grande passo, na linha temporal da existência humana, fez-se sentir quando o Homem descobriu a agricultura e a forma de domesticar a vegetação que sabia ser comestível ou essencial para a produção de outros bens, que lhe iriam permitir criar outras grandes estruturas.

Homem e paisagem eram uma unidade, uma dependência próxima interligava-os, e nesta unidade estabeleciam-se relações inexplicavelmente próximas que permitiriam um desenvolvimento a ambas as partes.

Por vezes basta olhar de outra maneira para ver melhor.

Paul Virilio

DO APOGEU DO SEDENTARISMO

A densificação e, conseqüentemente, a complexificação da urbe foram graduais. A paisagem humanizada, o aglomerado urbano, queria-se um espaço de constante interação entre os seus habitantes, um espaço onde o conhecimento tinha lugar privilegiado e que permitisse um crescente desenvolvimento das ciências mas também das artes.

O galopante crescimento da cidade obrigou a que o Homem repensasse a sua estrutura. Havia que definir usos e funções de um espaço que se fragmentava. Era necessário oferecer espaços habitacionais, de produção, de serviços, mas também os espaços de lazer eram valorizados. A estrutura de um espaço natural, considerada de extrema importância, permitia alimentar toda uma população e manter uma relação próxima e essencial com um mundo natural, que se fora impregnando na genética humana, ao longo da sua existência.

As estruturas que o Homem construía na cidade procuravam, como procuram ainda hoje, aproximar memórias de um mundo natural. Encontrava-se numa posição hierárquica vantajosa, ostentava um conhecimento que lhe permitia desenvolver processos que conduzissem a feitos inauditos. De um pedestal podia afirmar ter conseguido dominar, domesticando a obra aparentemente espontânea de um deus divino, sem esquecer as memórias de um mundo natural, e criava espaços no aglomerado urbano onde pudesse desfrutar de uma aparente

desordem característica do equilíbrio dinâmico que é a paisagem. Lá fora, nos arrabaldes da urbe, reinava o caos da paisagem natural, aquela que não apresenta intervenção directa humana, mas também de uma paisagem humanizada, em que o Homem procurava recriar os desígnios divinos para as suas práticas agrícolas, silvícolas e cinegéticas.

Esta relação próxima, que mantinha com a paisagem natural, permitia-lhe suspender a azáfama do quotidiano citadino. Viver próximo da paisagem natural permitia, ao Homem, suspender a indelével passagem do tempo e assim abstrair-se de alguns afazeres, da sua linear temporalidade, deixando-se impregnar pelo ritmo cíclico da paisagem.

A cidade, talvez inconscientemente, poderá ter sido criada à semelhança do que foi conhecendo, enquanto animal instintivo e sensitivo, de um mundo natural que outrora foi seu.

Nos espaços cheios da cidade, os espaços construídos, podia idealizar a floresta que, em tempos remotos, lhe ofereceu alimento e abrigo, mas também surpresas que lhe aguçaram o engenho; nos espaços vazios que, espontânea ou deliberadamente, se criavam na cidade, o largo, a praça, a alameda, o jardim, podia ver retratado o espaço da clareira que estrategicamente procurava para se instalar enquanto nómada. Na imagem da cidade, podemos encontrar vários paralelismos com a imagem de um mundo natural que outrora acomodou o Homem.

Com o avatar do conhecimento, o Homem foi construindo cada vez mais ferramentas que lhe permitiam reduzir o dispêndio da sua energia biológica em tarefas que considerava árduas. Iniciava-se um período em que o trabalho penoso era deixado para a máquina e o tempo que lhe sobrava poderia ser empregue no desenvolvimento de outros processos cognitivos.

É no século XVIII, em Inglaterra, com o eclodir da Revolução Industrial, que se inicia a era da máquina, à qual o Homem delega muitas das suas tarefas, permitindo um grande aumento na produção e, conseqüentemente, audazes desenvolvimentos nas esferas económica e social.

Se, inicialmente, a criação da máquina a vapor vem revolucionar toda uma supostamente coesa estrutura social, com a supressão de muitos postos de trabalho, mas também a criação de outros, que implicavam uma actualização de novos conhecimentos, ela vem também transportar o Homem para espaços que até então desconhecia.

Com a possibilidade de percorrer grandes distâncias, num curto lapso temporal, iniciava um processo de reconhecimento da paisagem para além do exíguo espaço que era a cidade mas, para tal, teve, uma vez mais, que transformar a paisagem, teve que construir uma rede de circulação ferroviária que lhe permitisse percorrer o espaço até ao seu destino.

As redes ferroviárias construídas, com o propósito de permitir o acesso a lugares recônditos, depressa se adensavam mas a estrutura da cidade era também ela

forçada a mudanças abruptas. Teriam que ser iniciadas novas construções que permitissem a tomada e a largada de passageiros, espaços de espera de um tempo que teimava em não chegar – espaços temporais, em que o Homem unicamente aguardava por um momento.

A cidade continuava a crescer desmesuradamente, mas um recente meio de transporte possibilitava o transporte de mercadoria num curto espaço de tempo, permitindo que se tornasse ilógica a produção agrícola nos interstícios da cidade. A relação outrora próxima entre a urbe e a paisagem cinde-se. A produção agrícola pode afastar-se da urbe que fica destinada aos relacionamentos interpessoais e ao conhecimento. Nos arrabaldes produzem-se os produtos hortícolas que, em escassas horas, estariam disponíveis para alimentar o grande aglomerado urbano.

A urbe estabelecia assim uma relação de uma afastada proximidade com a paisagem. O Homem desligava-se, paulatinamente, da genética que lhe fora impressa ao longo da sua existência, a necessidade de se relacionar com o mundo natural dissipava-se.

Esta relação afastadamente próxima entre a urbanidade e a ruralidade obrigava a que se planeasse a ordem da paisagem, do território. A cidade ditava os usos para determinada região e o homem rural concretizava, sem questionar, o que o

citadino havia decidido. O homem rural era, portanto, o jardineiro de uma paisagem que se construía para deleite do citadino e para seu sustento.⁽⁷⁾ Criava-se um fosso entre a urbanidade e a ruralidade. Na urbe pensava-se, criava-se, discutia-se, alimentados por víveres de que não se sabia a origem. Ao homem urbano competia o aperfeiçoar de técnicas e de conhecimentos, ao homem rural cabia alimentar esse pensamento.

A produção singrava, como nunca havia singrado, mas a invenção da lâmpada incandescente vem introduzir outras alterações. Ao permitir a iluminação dos espaços privados mas também dos públicos, a lâmpada vem permitir que os índices produtivos aumentem. A percepção da dimensão temporal aumenta, o Homem dispõe agora de 24 horas de produção diária ao invés das escassas horas de luz solar que lhe permitiam as práticas de sustento de toda uma sociedade.

Todavia, se a máquina a vapor, o comboio, vem imprimir significativas alterações quer à condição social humana, quer à estrutura espacial da paisagem, urbana, naturalizada e natural, o automóvel, no início do século XX, vem permitir que grande parte da população pudesse circular livremente pelo espaço.

O automóvel depressa se tornou um meio de transporte acessível a qualquer família. Meio de transporte por excelência, vem obrigar a profundas alterações na

⁽⁷⁾ Vide PEREIRA DOS SANTOS (2010) para aprofundar o conceito de “jardineiro da paisagem”.

paisagem. O automóvel assume, portanto, o papel de personagem principal numa paisagem que deveria ser humana, facto que se evidencia na paisagem urbana mas que se reflecte também na rural.

Na paisagem urbana, obriga a um repensar do uso do espaço que outrora era do e para o Homem e passou a ser o espaço do e para o automóvel. Dos parques de estacionamento desregrados, aos traçados das vias que devem agora permitir a circulação automóvel, afastando vizinhanças e tantas vezes criando ilhas de difícil acesso, ou às paisagens rasgadas por linhas alcatroadas ilusoriamente, o automóvel permite o acesso a todos os lugares recônditos de paisagens que se criam inacessíveis.

Se inicialmente as vias de circulação automóvel procuravam acompanhar a linguagem natural da paisagem, percorrendo meias encostas por respeito aos cursos de água e por conhecimento empírico de áreas necessárias à atempada drenagem das águas pluviais, depressa este princípio regedor de uma boa prática se dissipou, na necessidade urgente de apressar o tempo com a construção de estradas tangentes que permitissem a circulação célere de um sem-número de automóveis. Depressa as imagens de culto de grandes metrópoles, outrora ostentando magníficas arquitecturas ou soberbos parques urbanos, são substituídas por um emaranhado de alcatrão que pretende transmitir a urgência de viver a cidade.

O espaço é um corpo imaginário, como o tempo é um movimento fictício.

Paul Valéry

Do Pós-NOMADISMO

O Homem deixa de ser um organismo biológico e recria-se num corpo biónico, onde a máquina passa a ser um extensor à condição humana, ao ponto em que ele deixa de conseguir destrinçar que tecidos são os seus ou quais aqueles que foi incorporando na sua matéria orgânica.⁽⁸⁾

Há um constante recurso a ferramentas, instrumentos e mecanismos que permitem ao Homem aumentar as suas capacidades perceptiva, sensorial e emotiva, alterando, conseqüentemente, a sua percepção das dimensões espacial, temporal e cognitiva que o envolvem. Dos microscópios, que nos permitem observar realidades inacessíveis à nossa condição visual, às aeronaves que nos transportam até outros mundos, o Homem deixa de ser um animal, passa a ser um prolongamento da máquina.

Se outrora o Homem se permitia o sedentarismo, dele se vangloriando, neste século XXI, ele inicia uma constante procura pelo nomadismo. Resquícios de uma genética que se não diluiu com a passagem do tempo ou, quiçá, um processo natural do processo humano.

⁽⁸⁾ VIRILIO (2000) refere-se ao Homem contemporâneo como aquele que recorre a instrumentos que empolam as suas capacidades perceptivas; ele é uma relação simbiótica entre compostos orgânicos e tecnológicos.

A estrada, a auto-estrada, as linhas férreas, as rotas aéreas são fluxos cinéticos, fluxos temporais que permitem ao homem-máquina percorrer o espaço sem com ele se relacionar directamente.

O automóvel tornou-se o personagem de uma paisagem que se fragmenta numa aparente unidade, é o meio de locomoção por excelência que permite acesso aos lugares mais recônditos deste mundo que é o nosso. O automóvel, assim como o comboio ou, mais recentemente, o TGV (*Train à Grande Vitesse* – Comboio de Alta Velocidade) percorrem um espaço numa contínua sucessão de emolduramentos de paisagens percorridas. A paisagem deixa de ser uma dimensão espacial em que o tempo se suspende para passar a ser uma mera dimensão espacial que urge atravessar ao longo de uma linha que se pretende ser o mais perfeita possível, sem declives ou abruptas curvaturas, que possam encurtar o trajecto. A paisagem passa de um deleite sensorial que se manifestava através dos seus elementos naturais para ser uma parafernália de estímulos sensoriais de uma era de produção em urgência. O odor é percebido no queimar da borracha em atrito com o asfalto; a audição é um canal de vento num constante zumbido; a visão, uma sucessão veloz de imagens conducente ao enjoo; o tacto, um exercício de demonstração de princípios de aerodinâmica; o paladar, o sabor de uma sanduíche, eventualmente adocicada com a compota produzida com os frutos da paisagem que se percorre.

A crença de que a paisagem são as bermas dos percursos⁽⁹⁾, que nos conduzem por um espaço naturalizado, parece ter-se enraizado nesta cultura contemporânea, do imediato, do instante em que não há tempo suficiente para uma relação com o espaço natural que outrora foi do Homem, para uma relação de suspensão na temporalidade que urge. A paisagem transforma-se no resultado de imediatas percepções, oferecidas pelos registos que não podem extravasar uma área delimitada por linhas alcatroadas, ou que não podem galgar as linhas infinitamente tangíveis de uma ferrovia. A paisagem deixa de ser uma unidade, um *continuum*, cinge-se agora ao que pode ser percorrido sem que se possa transpor limites, para lá dos quais é o vazio, a ausência da existência, o desconhecimento.

Quando o avião entra em rota de colisão com o quotidiano humano e se torna um meio de transporte recorrente e de baixo custo, permite que um sem-número da população mundial se desloque para qualquer eleito destino em escassas horas.

O tráfego aéreo é recorrente, oferece conforto e reduz o tempo de deslocação, quer para longas quer para curtas distâncias. No entanto, a velocidade impressa numa deslocação aérea implica que se crie um hiato espacio-temporal entre o ponto de partida e o destino.

⁽⁹⁾ A descrição da paisagem enquanto bermas de uma estrada que se percorre é referida em **DOMINGUES**, *Paisagem e identidade: à beira de um ataque de nervos*.

Se outrora as deslocações obrigavam a percorrer a paisagem, com a viagem aérea cria-se um hiato do vazio, do desconhecimento de um espaço que entremeia dois pontos de um trajecto.

A cultura local de um povo, assim como a sua paisagem, torna-se identitária de uma humanidade global, ao aproximar-se do resto do mundo. Verifica-se uma perda da identidade de um povo, resultado de uma falaciosa proximidade.

Os produtos característicos de determinada paisagem, cuja população moldou para melhorar as condições da sua produção, ao longo de várias gerações, podem deixar de ser produzidos nesse lugar específico após se constatar que, em termos economicistas, seria mais vantajoso ser produzido num outro qualquer distante lugar. Inicia-se um processo de reconstrução de uma paisagem e de uma identidade cultural sustentável, que singrava há gerações e que se pôde, empiricamente, constatar ser proveitosa para uma população que assegurou a sua sobrevivência, através dos produtos provenientes da paisagem que foi moldando.

Cai num esquecimento absoluto toda a cultura de um povo que procurou e encontrou soluções sustentáveis de produção, pondo em prática, por exemplo, sistemas inteligentes de rotação de culturas que lhe iriam permitir colher num ano cereais e no ano seguinte leguminosas, permitindo uma natural regeneração do solo, recurso perecível cuja preservação é basilar. Termina-se assim um sistema produtivo baseado em princípios de sustentabilidade e que permitia

alimentar as cidades, lugar onde outros sistemas se desenvolviam, também eles fundamentais para o progresso de uma sociedade.

Dá-se início a um processo de assassinato do mundo rural, da paisagem enquanto *continuum*. Morre o mundo rural dos jardineiros da paisagem, que a construíam de acordo com o empirismo das práticas conduzidas há gerações, procurando as melhores soluções para um mundo sustentável e que pudesse estar disponível para as gerações vindouras. A paisagem é moldada de acordo com pressupostos economicistas que ditam um rápido crescimento dos índices produtivos, independentemente dos códigos que a geram, dos mecanismos que a compõem. Criam-se paisagens monótonas, numa só cor, numa só textura, desprovidas de diversidade e insustentáveis. Criam-se paisagens de produção, paisagens disfuncionais e fragmentadas, onde é equacionada somente a componente produtiva, pondo em risco, tantas vezes, frágeis ecossistemas que sobrevivem à mercê da presença humana que os conhece e trabalha, de acordo com as suas necessidades.

A criação de uma virtualidade está, portanto, bem presente no hiato espaciotemporal resultado de um percorrer que se crê ser autêntico. Outras realidades virtuais parecem emergir com a oferta de outras dimensões: a televisão e, mais recentemente, a Internet.⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ Vide VIRILIO (2000).

A televisão vem permitir que o Homem se segregue de uma realidade que outrora foi o pressuposto do sedentarismo. Permite que o Homem tome conhecimento de realidades que ele próprio extrapola, de acordo com os registos de que tem memória. Dá a permissão para encetar viagens sem que para tal tenha que abandonar o conforto e a segurança do seu espaço.

O Homem-máquina prostra-se confortavelmente viajando à velocidade de um *zapping* na televisão ou de um clique no computador⁽¹¹⁾, permitindo-se desta forma o conhecimento de lugares longínquos.

A Internet, por sua vez, vem exacerbar todos os conteúdos até então disponibilizados pela televisão, oferecendo a possibilidade de escolha que com a televisão não era permitida. As viagens podem ser feitas em tempo real, deturpando muita da realidade em prol de resultados economicistas imediatos. Em escassos segundos, o Homem pode tomar como certa uma viagem aos antípodas, crente de que a virtualidade que lhe é oferecida é uma reprodução fidedigna da realidade.

Repositório de todo o conhecimento que a humanidade foi gerando ao longo da sua existência, espaço de socialização ou de relações comerciais, o mundo virtual que é a Internet vem substituir o propósito da urbe, o espaço do diálogo e da

⁽¹¹⁾ *Ibidem.*

socialização, e conseqüentemente da restante paisagem, votando-os a um gradual abandono, à mercê das suas vontades. Criam-se cidades, bairros, comunidades virtuais, sem expressão facial ou gestual, com o propósito de manter acesa a necessidade de uma socialização agora instantânea. Se hoje o espaço urbano é projectado para cumprir requisitos de uma necessidade social, no futuro estes espaços poderão ser memórias de um ramo da arqueologia, restos de uma paisagem obsoleta substituída por espaços virtuais do imediatismo.

O Homem torna-se num ser fisicamente sedentário, mas que impulsiona os seus sentidos perceptivos para um crescente nomadismo. Quando outrora se permitia conhecer o mundo, iniciando longas caminhadas em busca de melhores condições, hoje permite-se longas navegações num espaço virtual, conhecendo e afirmando peremptoriamente o conhecimento de espaços nunca outrora desbravados.

A cidade, espaço desenhado pelo Homem para seu usufruto, é actualmente um emaranhado de linhas de um suposto conhecimento. As estradas permitem que se desloque até lugares longínquos a velocidades que se desconheciam até então. As linhas digitais, que não se materializam, criam um espaço virtual onde é armazenado um conhecimento também ele virtual, sustentado por alfabetos binários jamais decifrados pelo intelecto humano. O Homem, que não mais pode ser entendido como uma unidade, um organismo autónomo é, actualmente, prolongamento de instrumentos e ferramentas que lhe permitem assimilar e percepção um mundo que lhe é exterior. É na acuidade desses instrumentos e

dessas ferramentas que o Homem sustenta não só o seu conhecimento, a sua certeza, mas também a sua capacidade sensível e emotiva.

Urge o tempo. É urgente que todos os dados lhe sejam facultados sem que para tal tenha que fazer grandes esforços físicos. A força hoje é somente mental, sem representação física, carente de conhecimento que se crie instantaneamente. O entendimento de uma temporalidade, de uma escala temporal, ajustada à escala biológica humana, não mais é adequado. É urgente que se consigam concluir operações matemáticas em escassos milésimos de segundo, para que possamos ser transportados para uma outra realidade.

Se outrora o Homem tinha a premente necessidade de produzir determinado produto para poder depois trocar por outro que lhe era também essencial, sustentado por uma troca que se baseava em relações de confiança; se depois criou a moeda para que pudesse uniformizar todo o processo de troca, sem que para tal tivesse que produzir um produto, permitindo-se a oferta de serviços e obrigando-se a entabular relacionamentos para concluir a troca, hoje permite-se fazer circular uma moeda incorpórea, que não pode mais ser sentida, mantém ainda relações de troca, mas desta feita à distância do premir de um botão, protegendo os seus bens não em cofres, mas com sequências de símbolos sem qualquer significado e passíveis de adulteração.

Entramos na realidade virtual das ciberpaisagens, na criação de paisagens distantes e idílicas que cumprem curtos propósitos temporais. Já não é

satisfatório o conhecimento de vizinhas paisagens diversificadas. Há que criar paisagens que recordem pastoris imagens de uma natureza inexistente, plástica, sem identidade, que cumpra a necessidade de uma suspensão temporal na fadiga do quotidiano, o que comumente nos acostumámos a designar por férias.

Perdeu-se o conceito de unidade estabelecida entre um mundo que é natural e a humanidade, a consciência de que a humanidade é parte de um mundo natural.

Vivemos uma época de contradições em que, por um lado, se apela ao respeito pela biodiversidade, se procuram reduzir os consumos energéticos, se procuram soluções para a construção de habitações amigas do ambiente e sustentáveis mas, por outro lado, se constroem paisagens plásticas, idílicas com o propósito de colmatar a necessidade de contacto directo com o mundo natural.

Criamos retalhos de paisagens verdejantes em lugares inóspitos: campos de golfe, *resorts* de luxo, lagoas artificiais, entre outros. Vivemos na certeza de que esta é a relação que a humanidade pode manter com um mundo natural. Eis uma contradição que retrata uma perda de identidade colectiva com a paisagem, com o mundo natural.

Vivemos hoje, portanto, uma compulsiva obsessão pelo verde, a “clorofilatria”⁽¹²⁾, em que a identidade espácio-temporal de um lugar deixa de ser importante desde que possa reflectir o verde, a suposta certeza de que desta forma se assegura um planeta salvo de maleitas. Podemos ter paisagens imensas de campos de golfe, campos de milho transgénico ou culturas intensivas a perder de vista. Porém, desde que asseguremos a presença de vegetação, salvamo-nos de sentimentos de culpa, crenças de que cumprimos a nossa obrigação de preservação da paisagem.

⁽¹²⁾ in DOMINGUES, Álvaro. Paisagem e identidade: à beira de um ataque de nervos. Duas Linhas, Costa/Louro, Pedro, Campos/Nuno Editores

CONCLUSÃO

Perceber que a paisagem é uma entidade espacial que reflecte uma dimensão temporal reveste-se de extrema importância, principalmente quando no exercício da prática que é a Arquitectura Paisagista, que procura recriar a paisagem de acordo com as necessidades do Homem. Recriar a paisagem de uma forma sustentável obriga a um aturado domínio dos mecanismos naturais que a regem, mas também ao conhecimento das necessidades e da cultura de uma sociedade que a habita. Permitimo-nos assim a recriação de paisagens que perdurem ao longo dos tempos e que continuem a obedecer a um equilíbrio dinâmico que se auto-regula.

A abordagem feita neste trabalho permitiu perceber que, ao longo dos tempos, a paisagem foi alvo de transformações que procuravam ir ao encontro das necessidades humanas e, como tal, esteve sempre presente na história da humanidade. A relação desenvolvida entre o Homem e a paisagem, naturalmente, foi-se moldando e adaptando de acordo com os naturais desígnios da própria paisagem, mas também de acordo com os intentos da humanidade.

A relação primeira entre o Homem e a paisagem terá sido francamente próxima, mas ao longo dos tempos e de acordo com os propósitos da humanidade, esta relação ter-se-á dissipado, tornando-se cada vez mais esparsa e distante.

Se outrora a relação entre Homem e paisagem foi durante muito tempo essencialmente revestida de uma importância espacial, com o aproximar dos tempos modernos, essa relação foi-se tornando cada vez mais temporal. Há, hoje, uma súbita necessidade de cumprir requisitos que permitam criar uma proximidade espacial, aumentando-se, conseqüentemente, a velocidade de deslocação quer física, quer de informação.

O Homem procura, na actualidade, transformar a paisagem de acordo com as suas imperiosas necessidades de aproveitamento do seu tempo. Se percebia no mundo natural uma forma de suspensão temporal, uma pausa na azáfama do quotidiano, procura hoje, na paisagem, formas de encurtar distâncias, criando corredores de fluxos cinéticos que aproximam o espaço. Gera-se, em consequência, uma ausência de relação entre Homem e paisagem que se torna pouco mais do que uma dimensão em que se devem implantar sistemas de condução, ora de informação, ora de encurtamento espacial.

Se outrora o ordenamento da paisagem pressupunha, essencialmente, a atribuição de usos e funções a uma dimensão espacial, hoje procura-se com mais determinação ordenar a dimensão temporal da paisagem, em detrimento da sua componente espacial, através da criação de corredores de fluxos cinéticos. A paisagem, enquanto entidade espacial, torna-se um emaranhado de linhas de transmissão de informação e de vias de circulação assumindo, muitas vezes, esta imagem como *ex-libris* de um determinado lugar, que outrora se podia orgulhar dos seus feitos arquitectónicos e paisagísticos, entre outros.

A multiplicidade de espaços torna-os *a-identitários*, criando um todo, uma paisagem sem identidade que pertence a toda a humanidade, desrespeitando os mecanismos característicos de cada fragmento de paisagem, resultado de uma crescente aproximação espacial. Se em tempos podíamos referir-nos a uma identidade europeia, hoje, essa mesma identidade pode ser presenciada e vivida num outro distante continente, ao manifestar-se exactamente de acordo com os mesmos pressupostos.

Se a relação entre o Homem e a paisagem foi, em tempos, de uma franca dependência, tornou-se com a passagem dos séculos, mais independente. O Homem centrou-se no seu indivíduo, criou-se individualista e, se outrora a necessidade de criação de espaço de socialização era premente, hoje dilui-se essa necessidade. O Homem habita, na contemporaneidade, um espaço e um tempo virtuais, materializados através de canais de difusão de informação tantas vezes gratuita e desprovida de qualquer conteúdo, em que se estabelecem fictícias relações sociais, onde são efectuadas trocas comerciais. O espaço de socialização que outrora se projectava para a paisagem parece tornar-se irrelevante, quando todo um enriquecedor processo de socialização é conduzido através de canais virtuais de comunicação.

O urgente enfoque, que se coloca no paradigma da actualidade, é perceber como se podem restabelecer as relações que se foram perdendo. O Homem mantém-se um ser com as mesmas necessidades de outrora, nomeadamente, a necessidade de socialização interpessoal mas também a de manter relações próximas com o

mundo natural, de onde obtém os seus víveres, que também resultam de um acumular de informação que se foi gravando de forma indelével na genética humana.

É urgente aproximar a urbanidade da ruralidade, cujos laços se foram deteriorando, mas é também urgente recuperar os laços deteriorados que aproximam o Homem do mundo natural.

É urgente a sensibilização para que se tome consciência de uma abordagem que está a ser conduzida por uma sociedade magnânima que despreza a verdadeira essência da humanidade – o processo de socialização potenciador do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

ALVES DE ARAÚJO, Ilídio. Considerações sobre a Gestão das Paisagens. *Paisagem*, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa, 1997

ALVES, Mário. Dromologia da Rotunda. *Duas Linhas*, Costa/Louro, Pedro, Campos/Nuno Editores

ALVES, Teresa. Paisagem – Em Busca do Lugar Perdido. *Finisterra XXXVI*, 72, pp. 67-74, Lisboa, 2001

[Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>, acedido a 12 de Novembro de 2009]

AMARAL, Ilídio do. Acerca de «Paisagem»: Apontamentos para um debate. *Finisterra XXXVI*, 72, pp. 75-81, Lisboa, 2001

[Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>, acedido a 12 de Novembro de 2009]

ARNHEIM, Rudolf. Arte & Percepção Visual. Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1994

ASSUNTO, Rosario. Il Paesaggio e l'Estetica. Edizioni Novecento, Palermo, 2005

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. Martins Fontes Editora, São Paulo, 2008

BECKERT, Cristina. A Estética do Invisível na Natureza. *Philosophica* 29, Lisboa, Abril de 2007. Págs. 7-17

BENJAMIN, Walter. Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Relógio d'Água, Lisboa, 1992

CABRAL, Francisco Caldeira, Fundamentos da Arquitectura Paisagista. Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa, 1993

CABRAL, Francisco Caldeira; **TELLES**, Gonçalo Ribeiro, A Árvore em Portugal. Assírio & Alvim, Lisboa, 2005

CALAFATE, Pedro. A Ideia de Natureza no Século XVIII em Portugal. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Estudos Gerais, Série Universitária, 1994

CALDEIRA CARY, Francisco. Paisagem e Agricultura. *Paisagem*, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa, 1997

CAMPOS COSTA, Pedro. Moinhos ao Vento. *Dois Linhas*, Costa/Louro, Pedro, Campos/Nuno Editores

CANCELA D'ABREU, Alexandre. Caracterização do Sistema Biofísico com vista ao Ordenamento do Território. Dissertação apresentada à Universidade de Évora para a obtenção do grau de doutor no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, especialidade de Arquitectura Paisagista. Évora, 1989

CARAPINHA, Aurora. Da Essência do Jardim Português. Dissertação apresentada à Universidade de Évora para a obtenção do grau de doutor no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem. Especialidade de Arquitectura Paisagista e Arte dos Jardins. Évora, 1995

CARAPINHA, Aurora. O Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian: A Poética da Materialidade e da Temporalidade. *Philosophica 29*, Lisboa, Abril de 2007. Págs. 115-123

CARDOSO, Andreia Saavedra. Contributos para uma Hermenêutica da Paisagem. Relatório do Trabalho de Fim de Curso de Arquitectura Paisagista, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, 2005

[Disponível em http://www.isa.utl.pt/ceap/index_files/tfcsaavedra.pdf, acessado a 10 de Novembro de 2009]

CARDOSO, Andreia Saavedra. Paisagem e Complexidade Ecológica. A Necessidade das Narrativas. *Philosophica 29*, Lisboa, Abril de 2007. Págs. 49-64

CARERI, Francesco. Walkscapes. Walking as an Aesthetic Practice. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2002

CASTEL-BRANCO, Cristina, Jardins com História, Poesia atrás de Muros, Edições Inapa, Lisboa, 2002

CASTRO CALDAS, Eugénio. Evolução da Paisagem Agrária. *Paisagem*, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa, 1997

CAUQUELIN, Anne. A Invenção da Paisagem. Edições 70, Lisboa, 2008

CENTENO, Yvette Kace; FREITAS, Lima de. A Simbólica do Espaço. Cidades, Ilhas, Jardins. Editorial Estampa, Lisboa 1991

CLÉMENT, Gilles. Manifeste du Tiers Paysage

[Disponível em
http://www.gillesclement.com/fichiers/_admin_13517_tierspaypublications_92045_manif_este_du_tiers_paysage.pdf, acedido a 12 de Novembro de 2009]

COLAFRANCESCHI, Daniela. Landscape + 100 Palabras para habitarlo. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2007

CORDEIRO, Edmundo. A Dromologia. Setembro de 1996

[Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/>, acedido a 28 de Julho de 2009]

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Edições 70, Lisboa, 1996

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. Mil Planaltos – Capitalismo e Esquizofrenia 2. Assírio & Alvim, Lisboa, Outubro 2007

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia 1. Assírio & Alvim, Lisboa, Junho 2004

DOMINGUES, Álvaro. A Paisagem Revisitada. *Finisterra XXXVI*, 72, pp. 55-66, Lisboa, 2001

[Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>, acedido a 12 de Novembro de 2009]

DOMINGUES, Álvaro. Paisagem e identidade: à beira de um ataque de nervos. *Duas Linhas*, Costa/Louro, Pedro, Campos/Nuno Editores

DORFLES, Gillo. A Arquitectura Moderna. Edições 70, Lisboa, 1986

DORFLES, Gillo. As Oscilações do Gosto. A arte de hoje entre a tecnocracia e o consumismo. Livros Horizonte, Lisboa, 2001

ESPENICA, André. Paisagem e Sustentabilidade. *Paisagem*, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa, 1997

FERRY, Luc. Homo Aestheticus. A Invenção do Gosto na Era Democrática. Livraria Almedina, Coimbra, 2003

FUSCO, Renato de. A Ideia de Arquitectura. Edições 70, Lisboa, 1984

GASPAR, Jorge. O Retorno da Paisagem à Geografia. Apontamentos Místicos. *Finisterra XXXVI*, 72, pp. 37-53, Lisboa, 2001

[Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>, acessido a 12 de Novembro de 2009]

GEORGE, Pedro. Paisagem – Do Urbano ao Rural. Notas a partir de Lisboa... *Finisterra XXXVI*, 72, pp. 115.121, Lisboa, 2001

[Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>, acessido a 12 de Novembro de 2009]

GOFF, Jacques le. Por Amor das Cidades. Editorial Teorema, Lisboa, 1999

HAGERHALL, Caroline M.; PURCELL, Terry; TAYLOR, Richard. Fractal Dimension of Landscapes Silhouette Outlines as a Predictor of Landscape Preference. *Journal of Environmental Psychology*, Número 24, pp. 247-255. 2004

[Disponível em http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6WJ8-4C59SGY-1&_user=10&_rdoc=1&_fmt=&_orig=search&_sort=d&_docanchor=&view=c&_searchStrId=1089767901&_rerunOrigin=google&_acct=C000050221&_version=1&_urlVersion=0&_u serid=10&md5=788e7504e7d96497cda524181eb2d1af, acessido a 26 de Outubro de 2009]

HALL, Peter T.; A Dança da Vida. A Outra Dimensão do Tempo. Relógio d'Água Editores, Lisboa, 1996

HEGEL. Estética. O Belo Artístico ou o Ideal. Guimarães Editores, Lisboa, 1983

HUISMAN, Denis. A Estética. Edições 70, Lisboa, Março de 1997

JÚNIOR, Adahir Gonzaga da Silva; **Tenório**, Alexandre Cardoso; **Bastos**, Heloisa Flora Brasil Nóbrega. O Perfil Epistemológico do Conceito de Tempo a partir de sua Representação Social. 2007

[Disponível em http://www.fae.ufmg.br/ensaio/v9_n2/02-o-perfil-epistemologico-do-conceito-de-tempo-a-partir-de-sua-representacao-social-revisado.pdf, acedido a 11 de Novembro de 2009]

KANDINSKY, Wassily. Do Espiritual na Arte. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1987

KUBLER, George. A Forma do Tempo. Vega, Lisboa, 1990

LEPECKI, Maria Lúcia. A Mãe Promíscua: Sobre Natureza e Paisagem. *Finisterra* XXXVI, 72, pp. 141-147, Lisboa, 2001

[Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>, acedido a 12 de Novembro de 2009]

LIMA, Maria Francisca Machado. Estéticas da Paisagem e Arquitectura Paisagista. *Philosophica* 29, Lisboa, Abril de 2007. Págs. 87-102

LIMA, Maria Francisca Machado. Estéticas da Paisagem. Relatório do Trabalho de Fim de Curso de Arquitectura Paisagista, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa, 2004

LOURO, Nuno. Litoral: trinta por uma linha. *Duas Linhas*, Costa/Louro, Pedro, Campos/Nuno Editores

LYNCH, Kevin. A Boa Forma da Cidade. Edições 70, Lisboa, 2007

LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. Edições 70, Lisboa, 2008

MAGALHÃES, Manuela Raposo de. Paisagem Urbana e Interface Urbano-Rural. Paisagem, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa, 1997

MAGALHÃES, Manuela Raposo. A Arquitectura Paisagista. Morfologia e Complexidade. Editorial Estampa, Lisboa, 2001

MAGALHÃES, Manuela Raposo. Paisagem – Perspectiva da Arquitectura Paisagista. Philosophica 29, Lisboa, Abril de 2007. Págs. 103-113

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Martins Fontes Editora, São Paulo, 2006

MONTEIRO ALVES, A. A. Paisagem e Florestas. Paisagem, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa, 1997

MORE, Thomas. Utopia. Coisas de Ler Edições, Queluz, 2004

MÜLLER, Liana. Intangible and tangible landscapes: an anthropological perspective based on two South African case studies. SAJAH, volume 23, número 1, 2008

[Disponível em <http://www.up.ac.za/dspace/handle/2263/9628>, acessido a 18 de Novembro de 2009]

NADAI, Alain. In the Making of Landscape: “the site”

[Disponível em <http://www.csi.ensmp.fr/>, acessido a 10 de Novembro de 2009]

NUNES, João. Duas Linhas. Duas Linhas, Costa/Louro, Pedro, Campos/Nuno Editores

PINTO-CORREIA, T.; D'ABREU, A. Cancela; **OLIVEIRA, R.** Identificação de Unidades de Paisagem: Metodologia aplicada a Portugal Continental. *Finisterra XXXVI*, 72, pp. 195-206, Lisboa, 2001

[Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>, acessido a 12 de Novembro de 2009]

REGO, Samuel. Potencial de Acostagem e a Dimensão Espacial da Decisão. *Duas Linhas*, Costa/Louro, Pedro, Campos/Nuno Editores

RELPH, Edward. A Paisagem Urbana Moderna. Edições 70, Lisboa, 1990

RIBEIRO TELLES, Gonçalo. Paisagem Global. *Paisagem*, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa, 1997

RIBEIRO, Orlando. Paisagens, Regiões e Organização do Espaço. *Finisterra XXXVI*, 72, Pág. 27-35, Lisboa, 2001

[Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>, acessido a 12 de Novembro de 2009]

ROBERTO, Paulo Frazão. A Harmoniosa Pregñância Vital da Paisagem Natural em Georg Simmel. *Philosophica* 29, Lisboa, Abril de 2007. Págs. 65-85

ROCA, Zoran. Paisagem, Identidade Territorial, Desenvolvimento e Terrafilia. TERCUD – Centro de Estudos do Território, Cultura e Desenvolvimento. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Sintra, 11 de Março de 2009

[Disponível em http://tercud.ulusofona.pt/Publicacoes/2009/Zoran%20Roca_SINTRA_2009.pdf, acessido a 26 de Outubro de 2009]

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. *Finisterra XXXVI*, 72, pp. 37-53, Lisboa, 2001

[Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>, acessido a 12 de Novembro de 2009]

SANTOS, Henrique Pereira dos. Do Tempo e da Paisagem. Manual para a Leitura de Paisagens. Príncípia Editora, Parede, 2010

SEIXAS, João. Paisagens com asfalto e plano de vertigem em fundo azul. *Duas Linhas*, Costa/Louro, Pedro, Campos/Nuno Editores

SERRÃO, Adriana Veríssimo. Filosofia e Paisagem. Aproximações a uma Categoria Estética. *Philosophica* 23, Lisboa, 2004. Págs. 87-102

SOROMENHO-MARQUES, Viriato. Pensar a Paisagem. Da Aventura Interior ao Campo da História. *Finisterra* XXXVI, 72, pp. 149-156, Lisboa, 2001

[Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>, acessido a 12 de Novembro de 2009]

SOUSA, São José. Na cidade do futuro, a criatividade é obrigatória. *Arquitecturas* n.º 55, Lisboa, Agosto/Setembro 2010

TAVARES, Gonçalo M. Arquitectura, Natureza e Amor. Dafne Editora, Opúsculo 14 – Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura

[Disponível em <http://www.dafne.com.pt/catalog3.php?sub=3>, acessido a 12 de Novembro de 2009]

TIBERGHIEn, Gilles A. Nature, Art, Paysage. Actes Sud / École Nationale Supérieure du Paysage / Centre du Paysage, 2001

TINÉ, Gérard. Historie du Paysage, enjeu Économique, Esthétique et Éthique. *Agrobiosciences*, Juin, 2002

[Disponível em <http://www.agrobiosciences.org/IMG/pdf/MAATine.pdf>, acessido a 11 de Novembro de 2009]

TOSTÕES, Ana; CARAPINHA, Aurora; CORTE-REAL, Paula. Gulbenkian. Arquitectura e Paisagem. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2007

TURRI, Eugenio. Antropologia del paesaggio. Marsilio Editori, Venezia, Novembro de 2008

VALÉRY, Paul. Discurso sobre a estética. Poesia e pensamento abstracto. Veja, Lisboa, 1995

VIALE, Jean-Baptiste. Conduite Psychomotrice du Passant au Sein d'un Espace Architectural et Urbain: l'Hypothese Rythmique. Março de 2007

[Disponível em
http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/opac/index.php?lvl=author_see&id=691, acedido a 16 de Novembro de 2009]

VIRILIO, Paul. A Velocidade de Libertação. Relógio d'Água Editores, Lisboa, 2000